



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

SUELI FERNANDES DOS SANTOS

**O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 PARA OUVINTES UTILIZANDO A
LITERATURA SURDA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**GUARABIRA
2021**

SUELI FERNANDES DOS SANTOS

**O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 PARA OUVINTES UTILIZANDO A
LITERATURA SURDA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura plena em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito á obtenção de título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura e Educação.

Orientadora: Prof. Ms. Francyllayans Karla da Silva Fernandes.

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Sueli Fernandes dos.

O ensino de libras como L2 para ouvintes utilizando a literatura surda [manuscrito] : um relato de experiência / Sueli Fernandes dos Santos. - 2021.

40 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Francyllayans Karla da Silva Fernandes. , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura visual. 2. Libras. 3. Discentes ouvintes. I.

Título

21. ed. CDD 419

SUELI FERNANDES DOS SANTOS

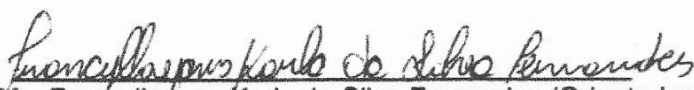
O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 PARA OUVINTES UTILIZANDO A LITERATURA
SURDA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

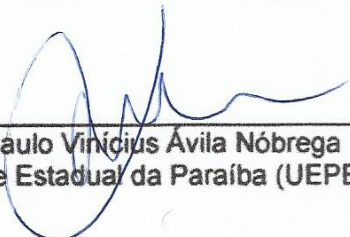
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português com habilitação em Língua Portuguesa.

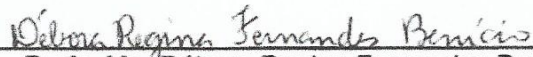
Área de concentração: Literatura e Educação.

Aprovada em: 25/ Maio /2021.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Francyllayans Karla da Silva Fernandes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ma. Débora Regina Fernandes Benício
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus que sempre me guiou nessa caminhada, a minha mãe e meu pai pelo incentivo, dedicação e apoio, aos meus filhos por ser o meu motivo de persistência, ao meu esposo pelo companheirismo e amizade e aos meus irmãos, DEDICO.

Aprende-se Libras para conhecer melhor as pessoas, o mundo, o pensamento, refletindo, construindo e constituindo-se de amor e respeito pelas diferenças. Aprender LIBRAS é respirar a vida por outros ângulos, na voz do silêncio, no turbilhão das águas, no brilho do olhar. Aprender LIBRAS é aprender falar de longe ou tão perto que apenas o toque resolve todas as aflições do viver, diante de todos os desafios audíveis. Nem tão poético, nem tão fugaz... Apenas um Ser livre de preconceitos e voluntário da harmonia do bem viver.

Luiz Alberto B. Falcão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sinal de chuva	32
Figura 2 – Sinal de casa	32
Figura 3 – Momento da apresentação da história	33
Figura 4 – Momento da representação da construção das casas	34
Figura 5 – Momento que o lobo entra	35
Figura 6 – Representação do Artefato cultural Materiais	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. LIBRAS, A LINGUA DO POVO SURDO BRASILEIRO.....	13
3. ARTEFATOS CULTURAIS DOS SURDOS	17
4. LITERATURA VISUAL: O QUE É?	21
4.1 Os aspectos históricos da Literatura Visual.....	22
4.2 Tipos de literatura visual	24
5 METODOLOGIA	26
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	28
7 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS.....	36

O ENSINO E A LITERATURA EM LIBRAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

SANTOS, Sueli Fernandes dos¹

RESUMO

A presente pesquisa versará sobre o ensino de Libras por meio da Literatura Visual para discentes ouvintes do ensino superior, dando ênfase aos artefatos culturais existentes na comunidade surda. Trata-se de um relato de experiência acerca da utilização da Literatura Visual a partir do conto em Libras “As três porquinhas Surdas”, obra adaptada e traduzida no curso de extensão de Libras da UEPB Campus III, como o objetivo de favorecer a aprendizagem da Libras enquanto L2 dos alunos ouvintes. Dessa maneira, a pesquisa é de abordagem qualitativa e traz para discussão os relatos e as percepções da aluna do curso de Letras – Português, participante do curso de extensão acerca desse processo. A pesquisa tem como base a investigação bibliográfica, tendo como aporte teórico as concepções de diversos autores que dialogam com a temática, entre eles: KARNOPP (2008), STROBEL (2008), PEIXOTO (2018), CAMPELLO (2008), GESSER (2009), FERNANDES (2011) entre outros. A partir da experiência relatada em torno do contato com o conto “As três Porquinhas Surdas” e da coleta bibliográfica foi constatado que é possível viabilizar o ensino de Libras para ouvintes, como L2, mediante o uso da Literatura Visual, pois percebeu-se que mediante o contato com a Literatura Visual os discentes ouvintes do ensino superior demonstraram interesse pelo o aprendizado da Libras, o reconhecimento da cultura da comunidade surda e a conscientização da importância da língua de sinais para que os surdos sejam inseridos no meio social.

Palavras-chave: Literatura Visual. Libras. Discentes ouvintes.

ABSTRACT

This research will focus on the teaching of Libras through Visual Literature for listener students in higher education, emphasizing the existing cultural artifacts in the deaf community. This is an experience report on the use of Visual Literature from the story in Libras "The three little deaf pigs," a work adapted and translated in the course of extension of Libras from UEPB campus III, with the aim of favoring the learning of Libras as L2 for listener students. Thus, the research is qualitative and brings to discussion the reports and perceptions of the student of the course of Letters - Portuguese, participant of the extension course about this process. The research is based on bibliographic investigation, having as theoretical support the conceptions of several authors who dialogue with the theme, among them: KARNOPP (2008), STROBEL (2008), PEIXOTO (2018), CAMPELLO (2008), GESSER (2009), FERNANDES (2011) among others. From the reported experience around the contact with the story "The three little deaf pigs" and the literature collection we found that it is possible to enable the teaching of Libras for listeners, as L2, through the use of Visual Literature, because we realized that through contact with Visual Literature the listener students of higher education showed interest in learning Libras, the

¹ Aluna de Graduação em Letras-Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: sueli.melo1997@gmail.com

recognition of the culture of the deaf community and awareness of the importance of sign language for the deaf to be inserted into the social environment.

Keywords: Visual Literature. Libras. Hearing students.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, os surdos vêm lutando pela afirmação de sua identidade, da sua comunidade e cultura. Um dos grandes passos conquistados pelos surdos é o reconhecimento de sua língua, a Língua de Sinais, sendo ela o meio de comunicação e expressão. Segundo Strobel (2008) a identidade do povo surdo é marcada pela língua de sinais, cuja língua é responsável pelas experiências visuais a fim de prover a obtenção do conhecimento que há ao redor.

Dessa forma, entendemos que a língua de sinais é a língua adequada para o sujeito surdo, que através do seu reconhecimento pela Lei n.º 10.436/2002, permite que os surdos tenham o seu processo de ensino e aprendizagem mediado pela língua de sinais. No ano de 2005, através do Decreto nº 5.626, os cursos de licenciatura passaram a ter obrigatoriamente como componente curricular a Língua Brasileira de Sinais (Libras), com intuito de contribuir para que os futuros docentes possam ter o mínimo de conhecimento acerca da língua do surdo, refletindo também acerca da cultura e identidade do povo surdo², possibilitando aos futuros docentes o contato com a Libras para que a mesma seja utilizada como instrumento facilitador no processo de ensino e aprendizagem, caso se deparem com discentes surdos em suas salas de aula.

Sendo assim, a inserção do componente curricular Libras na formação inicial dos docentes é relevante, pois possibilita a compreensão dos elementos culturais do povo surdo. A Libras possui também seus aspectos literários, os quais fazem parte dos Artefatos Culturais³ do povo surdo estudados inicialmente por Strobel (2009). Inserido nos Artefatos Culturais, a Literatura Visual é considerada uma das marcas da identidade dos surdos, pois dentro dela temos os seguintes tipos: contos, histórias, fábulas, lendas, poesia, anedotas, jogos, piadas e caricaturas. A Literatura Visual implica nas expressões que os surdos utilizam, possibilitando que os surdos compartilhem por meio de discurso os significados que eles produzem (MOURÃO, 2012).

Portanto, a Literatura Visual tem uma significativa importância para a comunidade surda. É através da Literatura Visual que é construída a formação da

² Povo surdo: Grupo de sujeito que têm seus costumes, tradições e histórias comuns. Constroem sua concepção do mundo por meio da visão.

³ Artefatos Culturais: Elementos que demarcam a cultura de um povo.

identidade e a cultura dos surdos que utilizasse a língua de sinais, a qual é a língua natural desses sujeitos. Por meio da Literatura é possível promover a criticidade e reflexão através da contação de histórias para a construção do imaginário (LEITE e GUIMARÃES, 2014).

Como bem nos assegura Peixoto (2018) Literatura Visual abrange todas as produções da comunidade surda que se comunica através da língua de sinais. Assim, a Literatura Visual propicia textos literários ilustrados, sinalizados, em escrita de sinais e por meio de registros fílmicos, os quais são fundamentais para que as próximas gerações de surdos tenham contato com essas produções.

O interesse pela educação dos surdos surgiu a partir de um curso básico de Libras que participei em minha cidade, em que pude ter contato com duas surdas, sendo uma delas a própria professora. Aos poucos fui conseguindo me comunicar com elas, por meio da Libras, assim aprendendo novos sinais e compreendendo o contexto da Libras mediante as nossas tentativas de comunicação. Nesse sentido, fascinei-me pelos elementos culturais do povo surdo e continuei buscando aprofundamento na língua de sinais.

No 5º período do curso de Letras-português através do componente curricular de Libras foi possível conhecer a importância de práticas docentes que incluam o discente surdo no processo educacional e oportunize um ensino adequado para eles. Assim, a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo da disciplina adquiri familiaridade com o processo de ensino e aprendizagem dos discentes surdos, uma vez que, nos foi oportunizado o contato com sujeitos surdos e a com a Literatura em Libras.

Entretanto, a escolha do tema se deu a partir do curso de extensão de Libras realizado na UEPB campus III no ano de 2018, o qual fez parte da minha busca ativa por mais conhecimento acerca da Libras. No curso tivemos a oportunidade de participar de uma atividade, em que os discentes (ouvintes) junto com a professora (ouvinte) adaptaram e traduziram o conto “Os três porquinhos”, que foi apresentado em Libras com o título: “As três porquinhos surdas”.

Sendo assim, acreditamos que essa pesquisa, voltada para o ensino de Libras através dos aspectos literários contribuirá para entendermos a relevância da produção desses aspectos para o aprendizado da Libras como L2 para os discentes ouvintes do nível superior, que tem o contato tardio com a língua de sinais, mas que

necessitam adquirir conhecimentos para efetivação do direito linguístico do surdo incluído na escola regular.

Neste sentido, esta pesquisa busca responder a seguinte pergunta norteadora: Como a Literatura Visual pode auxiliar no ensino de Libras como L2 para discentes ouvintes do nível superior?. Levanta-se como hipótese que, o contato dos discentes ouvintes com a Literatura Visual pode favorecer o processo de aprendizado da Libras como L2. Assim, a pesquisa tem como objetivo geral: Abordar a Literatura Visual (identidade, cultura e língua) a partir do conto em Libras “As três porquinhas Surdas” para a aprendizagem da Libras enquanto L2 por alunos ouvintes.

Para responder a questão norteadora e confirmar nossa hipótese de pesquisa define-se como objetivos específicos: Conhecer os artefatos culturais do povo surdo por meio das obras literárias da Libras; analisar a importância da Literatura Visual para a aquisição da Libras pelos discentes ouvintes; identificar os elementos culturais do surdo presentes na Literatura Visual.

A elaboração de nossa proposta de trabalho justifica-se pela intensão de tornar visível a relevância da Literatura Visual, tendo em vista que a mesma colabora para um melhor reconhecimento da cultura e da comunidade surda. Assim, é de suma importância que discentes do curso superior aprimorem seus conhecimentos acerca da língua e cultura dos surdos, a fim de estarem preparados e conscientizados, caso se deparem com discentes surdos em suas salas de aula.

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir da experiência vivenciada no curso de Letras-Português, com participação no conto sinalizado “As Três Porquinhas Surdas” no curso de extensão em Libras, na UEPB campus III, o qual teve a finalidade de abordar o ensino de Libras por meio da Literatura Visual. Tendo como participantes do teatro cinco discentes (participantes do curso) e a professora do curso de extensão de Libras.

Para a melhor compreensão a estrutura do trabalho está dividida em: Como primeiro tópico temos a introdução, sendo apresentados: o problema, a justificativa, os objetivos e os métodos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho. Por conseguinte o tópico denominado “**Libras, a língua do povo surdo brasileiro**”, veremos uma abordagem sobre a linha histórica até ao seu reconhecimento através dos meios legais, e a sua importância para os surdos.

No segundo tópico, intitulado por “**Artefatos Culturais dos Surdos**”, será apresentado a relevância dos artefatos para os surdos, apresentando alguns, salientando a importância da cultura e a identidade dos surdos. Em seguida veremos o tópico “**A Literatura Visual: O que é?**”, sua definição e sua importância enquanto artefato cultural dos surdos. A seguir há o registro da **metodologia**. O sexto tópico será destinado aos “**Resultados e discussões**”, sendo relatada a participação no Conto em Libras sinalizado “As três porquinhas surdas” e quais objetivos foram alcançados. Por fim, as “**Considerações finais**”, apresentado todos os resultados obtidos e logo em seguida, as “**Referências**”.

2. LIBRAS, A LINGUA DO POVO SURDO BRASILEIRO.

A língua é uma das principais habilidades necessárias a todo ser humano, é por meio dela que a sociedade tem capacidade de se comunicar, desenvolvendo a transmissão de ideias, pensamentos e interação entre as pessoas. Como afirma Sánchez (1990, p.17):

A comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem naturalmente, independente de qualquer fator racial, social ou cultural.

É notório que a comunicação está relacionada na formação do nosso ser. É a forma que cada um pode se expressar, assim favorecendo a identificação do que o outro quer nos dizer auxiliando em um melhor relacionamento com as pessoas. No entanto, a efetivação da comunicação se dá de várias maneiras, como linguagem oral, não verbal e escrita.

Partindo disso, os surdos também têm necessidade de se comunicar, e é através da língua de sinais que eles têm essa capacidade, pois visto que a língua de sinais é a língua natural⁴ da comunidade surda, os dá a predisposição para a comunicabilidade entre eles, sendo de extrema valia, pois evidencia a identidade e a cultura desses indivíduos.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de

⁴ Língua natural: Qualquer linguagem desenvolvida naturalmente pelo ser humano.

comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento visual. (STROBEL, 2008, p.44).

Dessa maneira, a língua de sinais é um recurso mediador para o surdo conseguir viver em seu meio social. A utilização de sua língua garante a preservação de sua identidade, assim como também contribui para a valorização da cultura surda. No entanto, pelo fato de que o surdo não obtém a audição, surge à necessidade de ter sua própria língua, visto que as demais não se adequam as suas precisões.

Desse modo, os surdos têm a visão aguçada em compensação à falta de audição, por isso torna a visão o seu meio para comunicar-se. Assim como os ouvintes usam a audição para ouvir e falar, os surdos fazem o uso das mãos e do corpo “como funcionamento visual pela habilidade nos atos do ver e do sinalizar” (CAMPELLO 2008, p.91). Assim o canal emissor dos surdos são os sinais produzidos pelas mãos e a visão se transforma como o canal receptor.

A Libras é reconhecida como a língua dos surdos brasileiros. Fernandes (2011) destaca:

A Libras é a sigla utilizada para designar a língua brasileira de sinais, já que cada país tem sua própria língua, que expressa os elementos culturais daquela comunidade de surdos. É utilizado pela comunidade surdas brasileiras, principalmente dos centros urbanos pois muitas vezes os surdos que vivem em localidades distintas e em zonas rurais acabam por desconhece-la e, assim, acabam por desenvolver um sistema gestual próprio de comunicação, restrito as situações e as vivencias cotidianas. Há, também, alguns surdos que vivem nas grandes cidades que desconhecem a língua de sinais por inúmeros fatores ou não aceitação pela família, a falta de contato com outros surdos que utilizam a opção tecnológica da escola em que foi educado entre outros aspectos (FERNANDES, 2011, p.82).

No entanto, ainda há surdos que desconhecem sua língua por variados motivos, um dos principais motivos é a não aceitação da sua surdez pelas famílias, que buscam a reabilitação oral e o distanciamento da língua de sinais, o que faz com que o surdo tenha contato tardio com a sua língua, fragilizando seu processo de aquisição (ALVES, 2020).

Libras “Tem seu “início oficial” com a fundação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES), fundado no Rio de Janeiro, pelo imperador D. Pedro II, em 26 de setembro de 1857” (SILVA; SOUSA, 2015, p.32). De acordo com os estudos, a Libras teve influência da

LSF (Língua de Sinais Francesa) através da vinda do professor francês E. Huet para o Brasil em 1857, auxiliando no processo de educação dos surdos. A Língua Brasileira de Sinais foi criada com a mistura dos gestos que os surdos do Brasil já utilizavam e a Língua de Sinais Francesa (ROCHA, 2008):

A língua brasileira de sinais e a língua americana de sinais (American Sign Language – ASL) têm como influência comum a língua francesa de sinais, pois a escolarização formal das pessoas surdas brasileiras e americanas foi fortemente influenciada pelos primeiros educadores surdos que vieram da França para a constituição das primeiras escolas para surdos nos dois países. Quando esses professores surdos, usuários da língua francesa de sinais, chegaram ao Brasil e aos Estados Unidos, encontraram uma comunidade surda que utilizava a língua de sinais local, e assim formaram-se essas duas línguas, que mantêm até hoje semelhanças entre si, embora sejam autônomas (HARRISON, 2011, p.54).

Com o passar dos tempos, os surdos passam por um momento de reviravolta. No congresso de Milão, em 1880 na Itália, é imposto que o método de ensino se daria através do Oralismo, acarretando muitos conflitos em torno da educação dos surdos. Por meio dessa decisão ficou proibida a utilização de sinais, prejudicando a comunidade surda como um todo. Na abordagem oralista, a comunicação se baseia na fala, não se aceita a utilização de gestos ou sinais para representar ou indicar algo. Justificavam a proibição pela alegação de que outro tipo de comunicação acarretaria o desestímulo do aprender a língua oral. Com todo esse cenário a língua de sinais passou por um momento de estagnação, como bem afirmam Witches & Lopes, 2015, citados por Barros e Alves 2019, p. 7:

Na concepção oralista, a língua de sinais prejudicava o desenvolvimento da língua oral e leitura labial desses sujeitos. Essa e outras concepções viam a comunicação por sinais indesejáveis e, portanto, todos os gestos deveriam ser proibidos no ambiente escolar e mesmo em meio familiar dos surdos, pois a língua de sinais era vista como empecilho.

Como era de se esperar, o Oralismo não obteve sucesso, surgindo uma nova abordagem, a Comunicação Total, que consistia no ajuntamento da língua de sinais com a oralização, resultando no reaparecimento da língua de sinais. De acordo com Rossi (2010, p.77):

O método de Comunicação Total tem como premissa, utilizar tudo que seja necessário para o indivíduo como meio de comunicação; oralização, prótese auditiva, gestos naturais, linguagens de sinais, expressão facial, alfabeto digital, leitura labial, leitura escrita, enfim, todas as formas que podem

ajudar a desenvolver o vocabulário, linguagem e conceitos pelo o individuo surdo.

Essa nova abordagem, se baseava na ideia de que todas as formas de comunicação poderiam ser empregadas na educação dos surdos, ou seja, se é permitido o uso de qualquer recurso linguístico, não se restringindo apenas ao aprendizado de uma língua, valorizando a comunicação e interação. Segundo Lacerda 1998 citado por Barros e Alves, 2019 na Comunicação Total estavam “sendo aprofundados estudos sobre línguas de sinais, que por sua vez vinha galgando a status de uma língua, assim como as demais.” Com isso, a língua de sinais surge novamente no contexto educacional e ganha amplitude com essa nova modalidade de ensino.

Entretanto, a mais recente proposta defendida através do Decreto nº 5.626/2005 é o Bilinguismo, que compreende o ensino de duas línguas para o surdo, que tem como princípio a aquisição da Língua de Sinais como sua primeira língua (L1) e a língua portuguesa como segunda (L2) na modalidade escrita. O bilinguismo ressalta a língua de sinais como o meio do surdo se desenvolver, influenciando no estímulo do pensamento e desenvolvimento dos surdos. Bernadinho (2000, p. 29) afirma que:

[...] a língua é considerada importante via de acesso para o desenvolvimento do surdo em todas as esferas do conhecimento, propiciando não apenas a comunicação do surdo com o ouvinte, mas também com o surdo, desempenhando também a função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social. O Bilinguismo considera que a língua oral não preenche todas essas funções, sendo imprescindível o aprendizado de uma língua visual-sinalizada desde tenra idade, possibilitando ao surdo o preenchimento das funções linguísticas que a língua oral não preenche. Assim, as línguas de sinais são tanto o objetivo quanto o facilitador do aprendizado em geral, assim como do aprendizado da língua oral.

Percebe-se, que o Bilinguismo consiste em que os surdos devem aprender por meio do canal-visual desde cedo, visto que na a abordagem anterior, a aquisição do conhecimento seria dificultada, pois a língua dos surdos tem suas próprias características que se diferenciam das demais. No entanto, a língua oral não dá o mesmo amparo que a língua de sinais concede aos surdos. Para Rossi (2010), o método bilíngue é o ideal para os surdos, pois acarreta na garantia do direito do uso da língua de sinais, dando acesso a sua cidadania e integração na sociedade.

Após todos os fatos que ocorreram acerca da Língua de Sinais, o acontecimento de mais importância para toda a comunidade surda foi o reconhecimento da Libras como a língua oficial dos surdos, sendo assegurada pela Lei nº 10.436/2002.

A Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002 dispõe:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Podemos perceber que o reconhecimento oficial da Libras foi de grande relevância para os surdos. É por meio dela que os surdos têm a oportunidade de se socializar, exercer sua cidadania e de ter acesso à educação. Foi por meio da lei que os surdos conseguiram visibilidade maior, em que o sujeito surdo pôde se sentir incluso na sociedade.

Portanto, é notório que a Libras é valorosa para o povo surdo. Ela abre portas para a integração e socialização desses sujeitos, além de facilitar a comunicação na vida dos surdos. É a peça-chave para a constituição da identidade dos surdos. Dessa forma, a língua de sinais é garantida ao surdo mediante o reconhecimento e legitimação desta forma de comunicação, por meio do estabelecimento da lei.

3. ARTEFATOS CULTURAIS DOS SURDOS

A cultura de uma comunidade é estabelecida pelos seus costumes, valores, sua própria língua e determinados comportamentos. Dessa maneira todo o indivíduo tem sua cultura específica, pois cada sujeito se adapta ao meio em que vive. Menezes (2017, p. 44) enfatiza que “todo indivíduo possui sua cultura, mesmo que

poucos compartilhem de suas atitudes, e isso não é diferente com as pessoas surdas.”.

Nesse sentido, o mesmo acontece com a comunidade surda, a qual tem sua própria cultura. Levando em consideração que cada povo tem sua independência através de sua língua e dos seus costumes, os sujeitos surdos também partilham da sua principal herança, a língua de sinais. Nessa perspectiva a autora Strobel (2008, p.24) conceitua que:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

É notório que para a construção da cultura surda, o aspecto visual é muito significativo, pois os surdos percebem o que envolve ao seu redor a partir da visão, assim como afirma a autora Strobel (2008) é o que colabora para a determinação das identidades surdas. A cultura surda e a identidade surda estão entrelaçadas. Pensando em identidade surda Perlin (2004, p, 77) acrescenta que: “[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito.”, sendo assim, é por meio da cultura surda que os surdos constroem sua identidade.

É importante frisar que a visibilidade dos surdos desenvolve vários Artefatos Culturais que se fazem presentes na vida dos surdos. Estes são artefatos que contribuem para as especificidades da cultura surda. Strobel (2008, p. 37) afirma que os artefatos são “objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais”, ou seja, são desempenhados através das interações dos indivíduos. Campello (2008) cita que:

O artefato cultural dos Surdos é organizado de acordo com a visualidade e utiliza uma estratégia para substituir a ausência do som. Pela ausência do som, criamos as nossas informações sobre a cultura do seu criador em detrimento da maioria da comunidade Surda e seus usuários que perderam ou nunca tiveram contato com a língua de sinais. O artefato varia e é acrescido ao longo do tempo, dependendo da evolução da tecnologia, de novas descobertas e dos recursos que nós necessitamos para viver por meio da visão. E destes criam-se um pertencimento cultural que, por meio da visualidade, se apropria, se media e transmite a cultura proporcionando vários significados capazes de promover a sociabilidade e a identidade

através da visualidade e da “experiência visual” como protagonistas dos processos culturais da comunidade Surda. (CAMPELLO, 2008, p, 91).

Segundo a autora Karin Strobel (2008), a cultura surda é composta por oito artefatos culturais, sendo eles: Experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, vida social, vida esportiva, artes visuais, política, materiais e Peixoto (2018) acrescentou o nono artefato, o religioso. É por meio deles que os surdos têm a possibilidade de se identificarem enquanto seres que fazem parte de um determinado povo.

Os surdos adquirem conhecimento de mundo através de suas experiências visuais, construindo suas visões sobre o mundo, seus valores e seus comportamentos. Segundo Perlin e Miranda (2003, p. 218), conforme citado por Strobel (2008, p. 39):

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Dessa experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia, de leitura.

Assim, a experiência visual é primordial para o exercício da comunicação dos surdos, já que não conseguem ouvir é a partir da visualidade que o sujeito surdo consegue se relacionar uns com os outros por meio de expressões faciais e corporais quando dialogam, tornando-se fundamental para construção de sentidos e significados. Desse modo é perceptível a grande valia que esse artefato tem para a cultura surda.

Outro artefato importantíssimo que merece destaque nesse estudo é o linguístico, que traz a língua de sinais como meio de comunicação para os surdos, aspecto essencial para a cultura surda. Para Strobel (2008) esta “[...] é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo.” (p.45).

Os sujeitos surdos que tem acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda tem maior segurança, autoestima e identidade sadia. Por isto é importante que as crianças surdas convivam com pessoas surdas adultas em quem se identificarem e ter acesso as informações e conhecimentos no seu cotidiano. (STROBEL, 2008, p. 45).

Nesse sentido, a língua de sinais é a garantia da conservação da identidade dos surdos. Quando o surdo tem acesso a sua própria língua, se é permitido que ele

se construa como sujeito, que tem seus próprios traços culturais. Desse modo, é relevante que crianças surdas tenham contato com a língua de seu povo desde cedo, para que possam desenvolver sua consciência em relação a sua identidade.

Vale ressaltar, que muitos surdos que não têm acesso à língua de sinais, utilizam de “sinais caseiros”, pois a partir de suas experiências visuais criam seus próprios “sinais”, para serem capazes de se comunicarem com os ouvintes que estão ao seu redor. Porém, sabemos que a língua de sinais permite a melhor integração dos sujeitos surdos, ela permite a "expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano". (BRITO, 1998, p. 19).

Todavia, a família, considerada como outro artefato cultural, tem grande significância para o desenvolvimento do surdo, segundo Veschi, (2005, p. 51), "o desenvolvimento da criança surda é proporcional à participação da família", é por meio da família que os surdos podem ser capazes de conseguir a aquisição de sua língua, a Libras.

A participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilitará a esse indivíduo a interação com o mundo e tornará o convívio mais agradável e feliz. Igualmente essa língua, na educação e nas escolas, vai proporcionar a vivência de uma realidade bilíngue das relações culturais, institucionais e sociais. (NEGRELLI e MARCOM, 2006, p.103).

No entanto, a família é peça chave para que a criança surda consiga ter a aquisição de sua língua, assim a família tem o dever de conhecer e compreender que os surdos têm sua cultura, com seus traços de identidade. Quando a criança surda nasce em uma família surda, a transmissão da cultura, principalmente a aquisição da língua de sinais ocorre de forma natural.

Entretanto, quando há um surdo em uma família ouvinte, as dificuldades são bem maiores comparados a uma família surda que já conhece o meio e a cultura em que estão inseridos. Em um ambiente em que só há ouvintes as crianças surdas tendem a se isolar, sendo lesadas pela barreira da comunicação. De acordo com Laboritt (1994, p. 59 apud Strobel, 2008, p. 51).

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas.

Esse cenário é bastante corriqueiro, crianças surdas que são filhas de pais ouvintes que não procuram orientações enfrentam diversas dificuldades no cotidiano. É de grande importância que os pais ouvintes se apropriem da língua de sinais, dando também o acesso dessa língua a seus filhos surdos para o melhor desenvolvimento da criança surda, auxiliando o processo interativo e promovendo um ambiente linguístico ideal. Para Santos (2011, p. 17), “quando a família o aceita como surdo, fala sua língua, o surdo se sente realmente membro daquela família. E mais, se sente apoiado e respeitado”. Assim, a família é imprescindível para que os surdos consigam ter acesso a sua língua natural, é o suporte indispensável que os dá a possibilidade de conseguir enfrentar os problemas que possam surgir pela sua condição de surdos.

Portanto, é notório que para a cultura dos surdos os artefatos são essenciais, pois por meio desses artefatos culturais, os surdos conseguem mostrar o quanto é grande a riqueza de sua cultura. Esses artefatos oferecem a possibilidade de os surdos conseguirem ser inseridos na sociedade, como também contribuem para o respeito as suas peculiaridades, mostrando seus valores e suas capacidades.

4. LITERATURA VISUAL: O QUE É?

As histórias já se faziam presentes em nossa cultura há épocas, e o hábito de contá-las traz várias acepções, pois oferece a capacidade de desenvolver o imaginário e de construir a identidade de um povo. Assim, como qualquer indivíduo tem a capacidade de contar histórias, os surdos também fazem narrações que envolvem a sua cultura. Segundo Alves e Karnopp (2003) “Surdos reúnem-se frequentemente para contar histórias e, entre as preferidas, estão as histórias de vida, as piadas e aquelas que incluem elementos da cultura surda, com personagens surdos”. Karnopp (2008) ressalta que:

Contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização. Contar histórias é um ato que pertence a todas as comunidades: comunidades indígenas, comunidades de surdos, entre outras. Contar histórias, piadas, episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas. Cabe, então, coletar as narrativas que surgem nessas comunidades, para que não desapareçam com o tempo. (KARNOPP, 2008, p.).

Entretanto, partindo do pressuposto de que na literatura inclui-se os registros escritos, a mais antiga definição de literatura é construída pelo filósofo Aristóteles, definindo-a como “uma imitação ou representação da realidade mediante as palavras.”. Porém durante o trajeto histórico o conceito de literatura não se unificou, sendo difícil ter uma exata concepção da sua definição. Sendo assim o olhar para a literatura se diferiu durante os tempos. Souza (2007, p. 46) indica que:

(...) com relação à palavra literatura, podemos considerar dois significados históricos básicos: 1. até o século XVIII, a palavra mantém o sentido primitivo de sua origem latina — literatura —, significando conhecimento relativo às técnicas de escrever e ler, cultura do homem letrado, instrução; 2. da segunda metade do século XVIII em diante, o vocábulo passa a significar produto da atividade do homem de letras, conjunto de obras escritas, estabelecendo-se, assim, a base de suas diversas acepções modernas.

Dessa forma, é perceptível que o conceito se diversificou, certamente a partir do olhar de cada crítico/ teórico a cada época. Pensando assim, através de acepções modernas, a literatura apresentou mudanças, não se limitando apenas a um determinado povo (ouvintes) que podiam reproduzir suas histórias oralmente e registrar em escritos. Foi a partir dessas novas acepções que o povo surdo foi contemplado com sua própria literatura, a Literatura Visual, a qual será discorrida sobre os seus aspectos históricos no próximo tópico.

4.1 Os aspectos históricos da Literatura Visual.

Como a literatura de um povo tem todo o seu processo histórico, para abordarmos como se deu início a Literatura Visual, se faz necessário voltarmos para o passado para analisar os fatos ocorridos durante todo o processo da educação dos surdos, para uma melhor reflexão de toda essa trajetória histórica.

Segundo Peixoto (2018), no século XVII houve a primeira menção a educação dos surdos a partir da primeira publicação de um livro *Reduction De Las Letras, Y Arte Para Ensenar a Ablar Los Mudos* de Juan Pablo Bonet (1579-1633), na Espanha, porém, o nome de grande relevância para a educação dos surdos é do francês Charles Michel L’Eppé, pois o mesmo criou a primeira escola de surdos em 1785, na França e colaborou na criação de mais institutos em outros locais.

No entanto, como consequência do aparecimento dessas escolas, o povo surdo passou por um período considerado como fase dourada. Os surdos se

reuniam em momentos festivos, conhecidos como banquetes, para a transmissão de seus textos literários sinalizados. Peixoto (2019) repara que [...] é possível supor que a prática de transmissão de textos sinalizados literários no contato surdo-surdo, embora sem nenhum tipo de registro, tenha ocorrido durante os Banquetes de surdos (no século XIX) [...]. A autora considera um ambiente muito propício para a transmissão de vários gêneros. Nesta mesma temporada, o INES foi fundado oficialmente em 26 de setembro de 1857.

Naquela época, o INES funcionava em regime de internato, então os surdos conviviam com seus pares 24 horas diariamente (ROCHA, 2008, p.30). Neste espaço, a língua de sinais brasileira se desenvolveu, com liberdade, as crenças, os anseios, os sentimentos, as emoções e as histórias daqueles alunos eram contadas entre eles e a tradição sinalizada ganhou muita força. (PEIXOTO, 2018, p. 5,6).

Assim, a fundação do INES foi muito considerável para os surdos, por meio desse instituto foi garantido o desenvolvimento da língua de sinais e respeito aos seus direitos, sucedendo o progresso da pessoa surda. Foi uma época tão significativa que em 1875, foi publicado o 1º livro de um autor surdo no Brasil, intitulado por **Iconografia dos Sinais dos Surdos** de Flausino José da Gama, o que resultou no fortalecimento “educacional-cultural-linguístico-literário”, Rocha (2008, p.42 apud Peixoto, 2018, p. 6).

Entretanto, apesar desse período tão fértil que os surdos vivenciaram, ocorreu um percalço que os prejudicou. Um dos fatos que impediu de que os surdos conseguissem promover suas obras foi o Congresso de Milão, uma vez que trouxe algumas implicações no que se diz respeito à educação e a cultura dos surdos. Esse congresso resultou em alguns prejuízos para o povo surdo. Peixoto (2018, p.7) retrata que os surdos foram:

Impedidos de se comunicarem através da língua de sinais, como o Povo Surdo poderia transmitir sua cultura para outras gerações? Esta posição ouvintista trouxe prejuízo cultural para a tradição visual. Sendo assim os surdos que naturalmente se desenvolvem com uma vivência de mundo baseada em experiências visuais foram obrigados a se adaptar a uma realidade em sala de aula exclusivamente com informações sonoras incompreensíveis para eles.

Dessa maneira, esse congresso não contou com a participação dos mais interessados, os surdos, sendo tomada uma decisão sem levar em conta a opinião

da comunidade surda. De acordo com Strobel (2008, p. 90), “No dia 11 de setembro de 1880 houve uma votação e por 160 votos contra quatro, ganhou o método oral na educação dos surdos e a partir daí a língua de sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruía a habilidade da oralização dos sujeitos surdos”.

Diante desse cenário, os surdos foram lesados por um longo tempo, tendo em vista que o ensino por meio da língua de sinais ficou restringido e a transmissão ocorria de forma viso-gestual se tornou impossível propagar sua cultura. Considerando que os surdos naquela época não eram reconhecidos como sujeitos que faziam parte da sociedade por não ter capacidade de se comunicar oralmente, tampouco seriam reconhecidos por aquilo que eles produziam. Ao que tange a literatura, Peixoto (2018) enfatiza que “as implicações para o âmbito literário foram lastimáveis, pois as fábulas, poesias histórias, piadas, de autores surdos criadas antes de 1880 foram perdidas, ficaram, apenas, na memória dos surdos que já morreram.”, ou seja, prejudicou extremamente o progresso literário dos surdos e a transmissão de sua cultura por meio das suas criações literárias.

De acordo com Strobel (2009, apud Peixoto, 2018, p. 7) na década de 60 manifesta-se um despertar cultural, por meio do linguista americano William Stokoe que incentivava o reconhecimento da língua de sinais. Por meio desse conseguimento a língua de sinais surge novamente em uma nova metodologia educacional. Mesmo com tudo isso a língua de sinais é incluída aqui no Brasil apenas no ano de 1987.

No entanto, após essa longa jornada de desafios que os surdos sofreram, o cenário educacional para os surdos modifica-se com o avanço legitimado da Libras por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 pelo regulamento do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, oferecendo o atendimento educacional a comunidade surda.

4.2 Tipos de Literatura Visual.

Por meio do reconhecimento da Libras, a comunidade surda conseguiu ter a oportunidade de se desenvolver no que se diz respeito ao âmbito literário. Em relação à literatura para os surdos, a Literatura Visual, ela é o subsídio para explanação de histórias que contém a identidade e a cultura dos surdos. Suas produções se dão por meio do recurso visual utilizando-se da língua de sinais nas

narrativas. No entanto, a Literatura Visual é composta por: Literatura em Libras e Literatura Surda.

A **Literatura em Libras** consiste na tradução de obras de ouvintes para a Libras, respeitando o formato original das histórias, assim dizendo, mantém a fidelidade aos personagens e ao enredo da narrativa. O registro das traduções pode ocorrer tanto na modalidade escrita mediante a ELS (Escrita da Língua de Sinais) conhecida também como Sign Writing, como por meio da sinalização. Acerca das traduções, Peixoto (2018) evidencia que:

A comunidade surda vive uma realidade bilíngue diária de mensagens traduzidas. Partindo deste contexto as obras literárias escritas por autores ouvintes traduzidas para a Língua de Sinais desempenham um papel crucial para a garantia de acessibilidade das pessoas surdas nessa vivência com as duas comunidades linguísticas (de surdos e de ouvintes). (PEIXOTO, 2018, p. 5).

Nessa perspectiva, a tradução tem papel fundamental para a comunicabilidade, pois facilita a relação entre os surdos e ouvintes. Desse modo, a tradução de obras para a língua de sinais é imprescindível em razão de dar a oportunidade aos surdos de apreciarem essas grandes obras literárias produzidas pelos ouvintes. Assim a tradução também valida a acessibilidade dos surdos com os ouvintes.

Ao que concerne a **Literatura Surda**, ela envolve as histórias que são contadas por meio de sinais, evidenciando a identidade e a cultura surda, recontando as experiências vividas por pessoas surdas. Para que essas histórias dos surdos sejam explanadas, existe na Literatura Surda uma divisão entre obras do tipo **adaptação** e obras do tipo **criação**.

As adaptações compreendem a utilização de obras já existentes no meio literário para serem adaptadas usando as peculiaridades da comunidade surda. Dessa forma, as histórias passam por modificações para marcar traços do povo surdo. Para que se dê destaque às características dessa comunidade, comumente os personagens principais são evidenciados como surdos.

A literatura adaptada produzida na comunidade surda, consiste na recriação de textos clássicos, escritos por ouvintes e conhecidos mundialmente, contextualizada para a realidade da comunidade surda, objetivando gerar e identificação cultural com a obra e seus elementos. Diferente das traduções, que obrigatoriamente precisam apresentar fidelidade e imparcialidade quanto aos textos originais, as obras literárias adaptadas

podem acrescentar, retirar e substituir elementos dos originais como: personagens, época, lugar, dentre outros. (PEIXOTO, 2018, p. 2).

No que se refere às Criações, são produções de obras criadas pelos próprios surdos baseando-se na sua cultura por meio de suas experiência e vivências, ainda assim fazendo uso da sua língua natural. O mais conhecido livro da criação dos surdos é Tibi e Joca, narrativa no qual retrata a história de um menino surdo pertencente a uma família ouvinte que passa a fazer o uso da língua de sinais, ou seja, essa criação destaca a língua natural dos surdos como principal característica nessa narrativa. (BISOL, 2001), apud Karnopp (2006, p. 104):

Uma história de dois mundos (BISOL, 2001), que narra a história de um menino surdo em família com pais ouvintes que começam a usar a língua de sinais. O texto explora o visual (o desenho) e, além da história registrada em língua portuguesa, há um boneco-tradutor que sinaliza a palavra-chave que vai dando sequencialidade à história.

Portanto, a Literatura Visual concerne todas as produções dos surdos. É a partir dela que os surdos podem transferir o conhecimento dos elementos de sua cultura, também evidencia que os surdos têm sua capacidade cognitiva, que sua surdez não os impede de serem seres pensantes, capazes de produzir aquilo que os representa. Logo a literatura Visual é o modelo de literatura acessível para a comunidade surda.

5 METODOLOGIA

Este trabalho desenvolveu-se a partir de experiências adquiridas no curso de extensão de Libras na Universidade Estadual da Paraíba, localizada em Guarabira, campus III. O curso era direcionado para discentes da própria instituição, diretores e professores da rede pública de ensino de Guarabira, com o objetivo de explorar mais sobre a língua de sinais e conhecer a cultura e tudo o que abrange a comunidade surda.

A mesma ocorreu no dia 06 de Junho de 2018, em uma instituição de Ensino Superior na cidade de Guarabira – PB, Campus III, onde ocorria o curso de extensão de Libras para uma turma composta de 30 ouvintes, alunos graduandos da instituição aqui referida e professores da rede básica da cidade de Guarabira- PB;

com carga horária de 40 horas, sendo as aulas ministradas uma vez por semana, especificamente nas quintas-feiras, iniciando às 16h30min terminando às 18h30min.

A experiência relatada tem o objetivo de mostrar a importância do ensino de Libras por meio da Literatura Visual, contribuindo para o melhor conhecimento dos artefatos culturais desse povo, a fim de promover uma reflexão acerca da língua que é utilizada pelos sujeitos surdos. Esse relato foi construído a partir da participação feita pela discente de Letras-Português que fazia parte do curso de extensão.

Para fundamentarmos nossa pesquisa, partimos da pesquisa bibliográfica, em relação ao tema abordado, com o objetivo de levantarmos dados e informações para a construção do trabalho, a fim de atingirmos os objetivos propostos. Neste viés, Gil (2010, p.2) conceitua que:

[...] a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica é indispensável para a investigação da temática sobre a qual propõe-se a investigar. Para efetivarmos parte do nosso trabalho foi necessária a revisão da literatura com as principais teorias que embasam a pesquisa. Foi a partir desse levantamento bibliográfico que conseguimos subsídios para a elaboração da discussão desta pesquisa, que se trata de um relato de experiência, mas que necessita dialogar com a teoria.

Para que se fosse possível realizar esse estudo, o presente trabalho utilizou-se da pesquisa qualitativa, investigando o ensino de Libras através da Literatura Visual, visando compreender a importância da inserção da Literatura Visual no processo de ensino e aprendizagem da Libras como L2, uma vez que, o curso de extensão era formado apenas por ouvintes. Acerca da pesquisa qualitativa, Richardson (2012) afirma que:

Em princípio, podemos afirmar que, em geral, as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar

processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2012, p.80).

Assim, a pesquisa qualitativa proporciona a descrição e exploração do tema abordado, guiando o pesquisador para uma análise e compreensão do objeto da pesquisa. Nessa circunstância, pretendesse nesse estudo analisar as situações ocorridas através do relato de experiência, a fim de analisar no intuito de responder as questões apresentadas no trabalho

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa se apresenta através de uma participação no conto em Libras “As Três Porquinhas Surdas”, pertencente ao viés Literatura Visual, Peixoto (2018, p.10) “consiste em uma literatura de autoria ouvinte traduzida, imparcialmente, para a Libras”, assim foi todo sinalizado para os alunos da graduação e professores da rede básica que participam do curso de extensão de Libras.

A partir das orientações da professora, em que a própria também participou da apresentação, foram feitas mais adaptações para incluir alguns artefatos culturais dos surdos. O conto foi composto por seis pessoas, sendo que cinco foram alunos da própria extensão (quatro cursavam Letras-Português e um Letras-Ingês), juntamente com a professora.

Antes que iniciássemos a apresentação, a sala foi organizada com os materiais que seriam necessários para compor o cenário. Brinquedos e cartazes foram utilizados para facilitar a apresentação e para o melhor entendimento dos que estavam assistindo. Strobel (2008, p.39) retrata que “percepções visuais abrangem, através de expressões faciais e corporais, das atitudes dos seres vivos e de objetos em diversas circunstâncias”.

O conto se inicia com três meninas surdas brincando. Em um momento uma das meninas pára de brincar e chama as outras duas, consideradas irmãs, para irem até seu pai e pedirem que o mesmo conte uma historinha. Ao pedido das três filhas, o pai, também representado como um pai surdo; pede calma, pois iria chamar a mãe das meninas, marcada do mesmo modo como uma pessoa surda, para que contem

a história juntos. No momento em que a mãe chega, os pais explicam que vão primeiramente ensinar alguns sinais para as suas filhas, procedendo aos seguintes sinais: Casa, chuva, lobo e chocolate. Como podemos perceber nas figuras 1 e 2. A mãe, com a ilustração em um papel mostra primeiramente às pessoas que estão observando para poder sinalizar cada um, objetivando a compreensão de todos os sinais que ali estavam sendo executados.

FIGURA1- Sinal de chuva



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

FIGURA 2- Sinal de casa



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Desse modo, o intuito dessa primeira parte da apresentação era expor um dos artefatos culturais dos surdos, a família, sendo como o principal suporte para o aprendizado de Libras pelas crianças surdas. Os pais têm o papel de promover o acesso dessa língua para seus filhos surdos, independentes se essas crianças fazem parte de uma família ouvinte ou surda. Segundo Cupello (1994 apud PEREIRA, 2008, p.37):

O mais importante agente de socialização é a família, pois a mesma executa a tarefa crucial de socializar a criança e modelar o desenvolvimento de sua personalidade. Por isso, cabe à família da criança surda desdobrar-se em paciência e carinhos constantes para exercer, além de seus papéis tradicionais, os de completar, em casa a aprendizagem da linguagem. A afetividade é imprescindível para o seu ajustamento emocional e a sua segurança íntima. (PEREIRA, 2008, p.37).

Em seguida, a mãe surda explica que vai contar a história “As três porquinhas surdas”. Nesse momento, o conto muda de “cenário” e as três meninas surdas tornam-se três porquinhas surdas. Foi utilizado cartazes para que o público conseguisse entender qual a história estava sendo apresentada a eles, e os cartazes também serviram de suporte para a troca de personagens das meninas (figura 3).

FIGURA 3- Momento da apresentação da história.



Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Para iniciar a história, as três porquinhas andam pela sala fazendo a encenação de que estão passeando na “mata”. Uma delas fala que já se sente grande e quer morar em sua própria casa e as demais porquinhas também afirmam que se sentem preparadas para morarem em suas casas. A partir disso, as porquinhas decidem ir até a mãe porquinha para conversarem e anunciarem a ideia que estavam a planejar. Quando encontram a mãe surda, as porquinhas falam que já cresceram e avisam que querem ir embora, nesse momento a mãe surda chora e diz que vai sentir muitas saudades de todas e em seguida as abraça se despedindo.

Após esse momento, as porquinhas passeiam pela sala na procura de um lugar para construir suas casas e param para decidirem com que materiais serão construídas as casas. A primeira porquinha diz que vai construir sua casa de tijolos, a segunda que sua casa será feita de madeira e a terceira decide que irá usar palha na sua. Para que fizéssemos a representação dessas casas, já que não tínhamos muito espaço por estamos apresentando em uma sala de aula, desenhamos as casas no quadro especificando cada uma (tijolos, madeira e palha) para a melhor compreensão do público que nos assistia. (Figura 4).

FIGURA 4- Momento da representação da construção das casas



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Em seguida, uma das porquinhas chama as outras duas para ir brincar. Para simbolizar as brincadeiras foram colocados no meio da sala alguns brinquedos. No momento em que as porquinhas estão distraídas se divertindo, de repente entra o lobo mal assustando as porquinhas que correm cada uma para sua casa (ver figura 5). O lobo faz sinais de que está com muita fome e sente o cheiro de porquinhas se direcionando para uma das casas. A primeira casa que o lobo tenta invadir é a de palha. Para que pudéssemos retratar mais um Artefato Cultural dos surdos, quando o lobo batia na porta, ligamos e apagamos as luzes da sala rapidamente no intuito de representarmos as campainhas dos surdos (figura 6). Assim demostramos mais um Artefato Cultural, Materiais, da comunidade surda.

Há artefatos culturais materiais resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua utilização é condicionada pelo enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia nas acessibilidades nas vidas cotidianas de sujeitos surdos. [...] instrumentos luminosos como campainha em casas e escolas de surdos, despertadores com vibradores, legendas closed-caption, babá sinalizadores etc. (STROBEL, 2008, p.76).

No entanto, a finalidade de mostrar esse artefato é de provocar a reflexão com relação à adaptação de pequenas coisas do cotidiano que utilizamos e que são sonoras, fazendo com que o sujeito surdo consiga ser inserido na sociedade. O fato de não ouvirem, não os exclui de ter uma vida normal como qualquer pessoa. É evidente que esse artefato contribui suficientemente na convivência dos surdos na sociedade.

FIGURA 5- MOMENTO QUE O LOBO ENTRA



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

FIGURA 6 – Representação do Artefato cultural Materiais



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Seguidamente o lobo derruba a casa da porquinha surda. Expressamos a porquinha apagando a casa que foi desenhada no quadro e cai no chão para se referir-se a casa se desmoronando. A porquinha com muito medo corre para casa da porquinha da casa de madeira pedindo socorro e é acolhida. O lobo “bate na porta” da casa de madeira, mais uma fizemos uso das lâmpadas. O lobo decide derrubar a casa de madeira e as porquinhas correm para a última casa, a de tijolos, pedindo socorro.

Quando a porquinha da casa de tijolos as deixa entrar, as porquinhas que estão apavoradas avisam que tem um lobo mal e quer comê-las, mas a porquinha da casa de tijolos diz que é corajosa e não tem medo. O Lobo tenta derrubar a casa de tijolos, porém por falta de ar de tanto assoprar e não conseguir derrubar acaba morrendo. O conto finaliza com as porquinhas alegres sinalizando a seguinte frase para turma “o lobo morreu” demonstrando muita alegria.

Após o término do conto, a docente direciona as seguintes perguntas para a turma: “O que acharam da apresentação? Gostaram?”; “Conseguiram entender a

história?"; "Qual a história apresentamos?". Alguns alunos se manifestaram. Uma discente articulou que pela caracterização das meninas e do lobo e o próprio cartaz já informava que se tratava da história dos três porquinhos. Ainda alguns afirmaram que acharam muito interessante no momento que as luzes acenderam e apagaram para simbolizar a campanha das casas das porquinhos e que não tinham o conhecimento que esse tipo de campanha existia. Logo depois a docente também propôs que cada discente que participou da apresentação relatasse a concepção em relação à participação. Todos ressaltaram a importância da literatura para os surdos e o grande aprendizado que vão levar e colocar em prática em suas salas de aula.

É notório que a tradução do conto em Libras proporcionou para os discentes da extensão o conhecimento da Literatura Visual, e um melhor entendimento do que envolve o meio cultural da comunidade surda. Foi muito aprazível perceber que esses mesmos discentes entenderam a proposta que continha na apresentação e perceber o quanto eles se interessavam no aprendizado da Libras. O conto "as três porquinhos surdas" contribuiu para o entendimento acerca da surdez, principalmente trazendo a significância da língua de sinais para os surdos e dos artefatos culturais que marcam sua identidade.

Motivar os alunos a entenderem "o que é a surdez", "o que é a Libras", "a quem essa língua importa e por que importa", "o que ela tem a ver com as pessoas na nossa sociedade" prepara os aprendizes para a inserção e a conscientização de um repertório de conhecimentos possivelmente alheios a sua realidade, tornando-os mais bem preparados para transitar em práticas culturais que se fazem em grupos humanos diversos (GESSER, 2012, p. 129).

Sendo assim, é imprescindível o ensino de Libras durante a formação para os discentes. Fica evidenciado que a Literatura Visual é eficiente para o ensino de Libras, uma vez que a mesma abrange vários aspectos correlacionados à surdez. Levando em consideração também que o conto por de ser uma ferramenta pedagógica lúdica, instigou mais ainda os discentes a se conscientizarem de que devem conhecer a cultura surda, pois ela possibilita uma preparação maior caso o futuro docente se depare com alunos surdos na sua atuação.

Vale ressaltar, que todos da turma já eram interessados ao aprendizado da Libras, tendo em vista que se inscreveram para fazer parte do curso de extensão. Os discentes que participaram da apresentação já tinham um pequeno conhecimento a mais em torno da Libras e juntamente com a professora decidiram

traduzir e apresentar o conto para transferir o pouco que já sabiam da cultura surda para os colegas.

Os motivos para os sujeitos ouvintes decidirem conhecer e promover a cultura surda é que com isto eles podem fortalecer a imagem da marca surda na vida social, aumentar a credibilidade com relação ao povo surdo, também pode exaltar o relacionamento com a comunidade surda. (STROBEL, 2008, p. 112).

Diante do que foi exposto, percebemos que aprender a Libras e conhecer sua cultura é mais do que necessário e para que os surdos sejam incluídos devemos também fazer parte do seu mundo. Essa pesquisa mostrou que é possível discentes ouvintes aprenderem parcialmente a Libras e reconhecerem os artefatos culturais por meio da Literatura Visual. A prova disso foi no momento da discussão em que alguns discentes relatam o que captaram no conto, evidenciando alguns dos artefatos.

A partir de quando é sugerido que os discentes conheçam o quão é rica a cultura dos surdos e que por meio Literatura Visual é possível transferir esses conhecimentos, desperta nos mesmos a vontade de entender mais sobre a Libras e tudo que envolve a comunidade surda, transferindo a consciência de que enquanto futuros profissionais, se faz necessário ter conhecimento aprofundado a cerca das questões da surdez para que possa garantir o compromisso com a inclusão.

Portanto, o empenho dos discentes do ensino superior por meio do conto foi muito satisfatório. Como consequência, os resultados dessa pesquisa foram consideráveis de acordo como esperávamos, pois, a interação aos questionamentos após o conto foi excelente, as curiosidades e as percepções relatadas acerca da apresentação correspondia com o que foi sugerido. Sendo assim, fica evidente que foram alcançados os resultados da nossa proposta.

7 CONCLUSÃO

Ao discutir as contribuições da Literatura Visual, percebemos o quanto o Ensino de Libras por meio da literatura é importante para o processo de aprendizagem dos discentes no curso superior. Pois, através do contato com a Literatura Visual é possível compreender as questões relacionadas à surdez a partir

da concepção socioantropológica, a qual reconhece o surdo em sua diferença linguística, indenitária e cultural.

Nesse sentido, esta pesquisa teve o intuito de mostrar que a utilização do conto para o ensino de Libras pode despertar nos discentes o desejo para o aprendizado da Libras, uma vez que a Libras é reconhecida como língua e por isso deve ser utilizada como instrumento de comunicação e instrução para o surdo, visando a melhor comunicabilidade entre os surdos e ouvintes, sendo ela também o principal meio de inclusão e socialização dos surdos.

Durante a formação, para que se possa ter qualificação profissional para o exercício da docência, se faz necessário ampliar os olhares quanto às variadas diferenças que poderá ser encontrada nas salas de aula. A inclusão já é uma temática bastante frisada nos cursos de licenciatura, para a profissionalização adequada. Apesar disso, a inclusão não deve ser apenas colocar alunos em salas regulares, esses alunos necessitam de suporte linguístico, estrutural, pedagógico e atitudinal para que possam se desenvolver e socializarem com os demais. Para isso, o profissional carece do conhecimento da realidade vivida pelos alunos.

Em relação à inclusão dos alunos surdos, só se torna possível a partir do conhecimento da língua de sinais, então é crucial que os docentes conheçam a Libras, pois sem a compreensão da língua não há inclusão, uma vez que impossibilita principalmente a comunicação e a socialização. Inclusive o conhecimento do que envolve a Libras e o povo surdo, torna o indivíduo consciente das particularidades existentes na comunidade surda.

Nessa perspectiva, como já foi elucidado, o uso da Literatura Visual para o ensino de Libras mostrou-se eficiente, sendo o instrumento que pode despertar a consciência dos discentes ouvintes. O mais gratificante em torno disso tudo é ter colaborado para a divulgação da Libras, embora essa colaboração tenha sido bastante estreita. Ainda a experiência obtida por meio dessa pesquisa trouxe novos conhecimentos que refletirão na minha prática docente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edneia de Oliveira. Português como segunda língua para surdos: Iniciando uma conversa. João Pessoa: Ideia, 2020.

BERNARDINO, Elidea Lucia. Absurdo ou lógica?: a produção linguística do surdo. Belo Horizonte: Editora Profetizando vida, 2000.

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL – LEI Federal 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Presidência da República. 2002.

BRITO, Lucinda Ferreira. (org). Educação Especial - Língua Brasileira de Sinais. V. III. Série Atualidades, nº 4. Brasília: SEESP/MEC, 1998.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos. Florianópolis, junho de 2008.

FERNANDES, Sueli Educação de surdos/Sueli Fernandes – 2 ed. Atual.- Curitiba i.b pex, 2011.

GESSER, Andrei. LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceito em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GESSER, Andrei. O ouvinte e a Surdez: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo. Parábola Editorial, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. Língua Brasileira de Sinais (Libras): apresentando a língua e as suas características. In: Língua Brasileira de Sinais – Libras uma introdução. São Carlos: UAB-UFSCar, 2011.

Karnopp, L. B. Literatura Surda. ETD - Educação Temática Digital, 7(2), 98-109, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. Cadernos de Educação, 2010.

LEITE, L. S; GUIMARÃES, L. K. A Literatura Surda e sua contribuição na formação de sujeitos críticos. Cepae, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014.

MENEZES, Ronny Diogenes de. As Escritas Surdas como Artefatos Culturais Mediadores de Reflexões a Respeito das Crenças sobre a Surdez. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2017.

MOURA, Maria Cecília. O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade. Rio de Janeiro, Revinter: 2000.

MOURÃO, C. H. N. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ulbra, 2011. p. 71-90.

NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. Família e Criança Surda. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006.

PEIXOTO, Janaina A. A trajetória histórica da Literatura do povo surdo. In: PEIXOTO, J. A. VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO, Janaina A. Literatura em Libras. In: PEIXOTO, J. A. VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO, Janaina A. Literatura Surda do tipo adaptação. In: PEIXOTO, J. A. VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO, Janaina A. Literatura Surda do tipo criação. In: PEIXOTO, J. A. VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. Surdez: aquisição de Linguagem e Inclusão Social. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva. LOPES, MAURA Corcini (Org.) A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. Ed. São Paulo Atlas: 2012.

ROCHA, Solange Maria. O INES e a educação do surdo no Brasil. v. 1. 2. Ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

ROSSI, Renata Aparecida. A Libras como Disciplina no Ensino Superior. Revista de Educação, São Paulo. vol. 13. nº15.p.71-85. 2010.

RUBIO, J. A. S., QUEIROZ, L. S. A aquisição da linguagem e interação social: A LIBRAS como formadora de identidade do surdo. São Roque – SP: Faculdade de São Roque, Revista Eletrônica Saberes da Educação, vol.5, nº1, 2014.

SANCHÉZ, 1990. In: ALVES, Marlene Rodrigues. Inclusão do Aluno Surdo num mesmo Espaço Escolar, com Alunos Ouvintes do Ensino Regular da Rede Particular. Maringá/PR: Revista Eficaz, 2011.

SANTOS, Adalza Ramos dos Santos. Surdez, Identidade e Cultura no Contexto da Língua de Sinais. Universidade Federal de Santa Maria. Palmas- TO, 2011.

SILVA, Josélia Martins da; SOUZA, Nadja Barbosa da Silva. A importância do bilinguismo no contexto escolar dos alunos surdos. João pessoa–PB, 2015.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha. Teoria da literatura. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007. 87p.
(Princípios; 46).

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VESCHI, Jorge Luiz. Família e Linguagem. In: Congresso Surdez e universo educacional (2005, Rio de Janeiro –RJ. 14 a 16 de Setembro de 2005/(organização INES. Divisão de Estudo e Pesquisa –Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por ter me dado paciência e sabedoria sempre me guiado em todos os momentos da minha vida, me dando coragem e forças para seguir minha caminhada.

Em especial à minha mãe Maria Eunice, que é a minha inspiração e ao meu pai Luiz Renato, por sempre acreditarem em mim me dando forças para eu prosseguir, vocês são meu alicerce. Aos meus irmãos Renale, Renan e Ryan, pela amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei. Amo muito vocês.

Ao meu esposo Luiz Fernando que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis dessa jornada, me apoiando e incentivando sempre com palavras de otimismo.

Às minhas amigas, Michelly Pereira, Marina Oliveira, Renata Martins, Eloisa Lima, Thalia Ferreira e Daniele Melo pela sincera amizade, sempre me ajudando quando possível; juntas conseguimos avançar e ultrapassar vários obstáculos. A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos.

A minha orientadora, Francyllayans Karla, por toda ajuda, dedicação e preocupação. Agradeço a confiança em mim depositada e por todo conhecimento repassado, sua contribuição foi essencial para que concluísse esse trabalho. Muito obrigada!

Aos professores da graduação da UEPB que se fizeram presente ao longo de todo esse processo. Aos funcionários da UEPB, Marciely e Jonas, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Por fim, sou grata a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente, participaram para a realização dessa pesquisa. Só gratidão em meu coração!